

coleção
poesia
viva

25 POEMAS
ESCOLHIDOS
PELO AUTOR

ARMANDO FREITAS FILHO

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Em homenagem à memória de José Simeão Leal (1909-1996),
amante dos livros e criador d' *Os Cadernos de Cultura* do MEC,
onde muito aprendi.

Armando Freitas Filho

25 POEMAS
ESCOLHIDOS
PELO AUTOR

ARMANDO FREITAS FILHO

CORPO

Acrobata enredado
em clausura de pele
sem nenhuma ruptura
para onde me leva
sua estrutura?

Doce máquina
com engrenagem de músculo
suspiro e rangido
o espaço devora
seu movimento
(braços e pernas
sem explosão).

Engenho de febre
sono e lembrança
que arma
e desarma minha morte
em armadura de treva.

Do livro *Palavra*, 1963

DOIS MOVIMENTOS DE PEDRA

1

A pedra treva
(fera imóvel)
dorme seu sono
informe.

A pedra aguarda
seu brusco impulso
em difusa espera
de matéria e sombra.

2

A pedra alvor
ganha ímpeto
se distancia
(corpo escalando ar).

A estrutura
fura o espaço
em livre salto
e se empenha em forma.

Do livro *Palavra*, 1966

FLASH

Repente
a mente
sente
a árvore
desde
a semente

sente

mão vegetal
em tenra parede
freme

braço animal
contraído
porão mineral
ruído

mental

folhafalhafolha
f a r f a l h a
vento – navalha

contra o cimento

meu pensamento

Do livro *Dual*, 1966

ENTRETEMPO

O tempo estende
um trem? No espaço
o instante estampa
pressa e passos.

Lance de escadas:
degrau a degrau
leque se abrindo
de grau em grau.

Teia de prováveis
trânsitos – traços
de giz atravessam
através: pássaros?

Impressos no espaço
sem pauta, escapam
sem o pouso da linha
sem a pausa, passam.

Filmes, fragmentos
nas folhas do vento
nas falhas do tempo
flagrantes e flashes

num átimo! O íntimo
instantâneo do instante
seus momentos atônitos
seus átomos: milminutos

...se escoam céleres
nos teclados da água
em que o tempo tenta
trêmulo o seu toque:

sequência de sílabas
que seguem, segundos
cegos/ciclos/circuitos
concêntricos: círculos.

Do livro *Marca registrada*, 1970

COMUNICAÇÕES

Eu falo de mim – daqui –
desta central
pelo microfone do corpo
por esse fio que vem do fundo
eu me irradio

assim, numa transmissão de
sustos e rangidos
veia e voz, ao vivo, sob tanto
sangue: pantera escarlate
que passa e pisa

e se espatifa nesse chão
pata de lacre
grito, pingo sobre o alvo
tão tátil da minha carne
nos panos

repentinos do meu espanto
nas janelas
onde me debruço sucessivo
e vários, sequência de mim
em fotonovelas

me desdobro – quadro por quadro
nos desenhos
de dentro do que sou e projeto
aos poucos, plano e pausa
para fora

com a vida que me veste
pelo avesso:
filmes de sêmen onde publico
figuras de suor e celulóide
numa lâmina

de velocidade e de lembrança
em fotogramas
de esperas e procuras – falha
folha de slides-células, sopro
e pulso

página de pele em que escrevo
o uso
a articulada letra do meu gesto
o rascunho de unhas e rasuras
feito à unha

nas nuas marcas do meu corpo
no espaço
e nos lençóis da claridade
monograma, silhueta, cadência
e a fala

que se imprime nesta fita
neste sulco
a linguagem como um fim
a linguagem por um fio
e a morte em morse.

Do livro *De corpo presente*, 1975

CORPO DE DELITO

I

Escuta o rumor nas margens plácidas
feitas de lama, sangue e memória.

Escuta o brado retumbante
na garganta do túnel.

Por entre as grades do grito
o céu da liberdade viaja
e o sol, sem Pátria, se espalha
nesse instante, no cimento.

Aqui, Senhor, tememos
o braço forte que sobre os seios
se abate, sem remorso.

Aqui, no peito, os sussurros do coração
o muro de murros desabado
os urros na boca do corpo de entulho
e os erros da minha mão
que apalpa a própria morte.

Nesta cela que sonho nenhum
se escreve nas paredes
nesta sala de azulejos lívidos
um raio de dor sempre aceso
e vívido, à terra desce.

O céu é o sol desta luz
em cada nervo
e em cada um de nós
um límpido incêndio resplandece.

Daqui escuto os passos dos gigantes
pisando, impávidos, a paisagem.
Escuto a marcha dos colossos
por cima dos ossos
por cima dos mapas de mar e grama
escuto as botas dos passos
nas poças do corredor
cada vez mais próximos
dos calcanhares nus do meu futuro.

II

Sentado na cadeira do dragão
largado no berço profundo do chão
sobre o som do mar o céu fulgura
com o seu sol elétrico
que não cessa
o curto, o choque, o surto
em chamas do dia iluminado
nos porões iniciais de um Novo Mundo.

As flores que aqui gorjeiam
garridas, em suas jaulas
se agarram na beira da vida
que cisma e insiste
e continua avançando
por entre vadias várzeas e charcos
e exclama e se espanta
como a primeira palmeira brusca
que busca o espaço
no bosque de fumaça do horizonte.

Aonde está você, amor eterno
que não drapeja no vento
sua flâmula trêmula de estrelas?
Aonde o verde-louro, o céu de anil e mel
o lábaro, a labareda de pano
que o látigo rasga e marca?
Aonde a glória do passado
se o presente é este furo
de bala na pele do futuro?

Mas se ergues, ainda sim
a clava forte do seu corpo
e não foge à luta
nem teme a própria morte
que avança armada até os dentes
verás os raios fúlgidos
do sol da liberdade no céu
e neste chão de terra que se ama!

Do livro *À mão livre*, 1979

Escrevo
só
ou mal acompanhado:
ghost-writers, influenzas
musas seminuas, gênios
deusas, adeus!
Deixem-me somente
a pena e os papéis
para as minhas novas ninfas:
a Bic, a Cross
as sem nome que passam
sem marcas
de mão em mão e se perdem:
a Pilot, com suas ligas roxas
a velha Parker
com a tinta do meu sangue
quase seco
e a Futura.

Do livro *Longa vida*, 1982

A tarde precipita sua cor
cai, no começo
 no princípio da noite
e o que ainda aqui resiste
meio fera, ao precipício
ficou na beira da taça
que não suporta mais
sequer um riso
pois todo cristal está sempre
na iminência, um minuto antes
 de partir.

Do livro 3X4, 1985

O primeiro arranha-céu
foi a pedra
do Pão de Açúcar:
monumento onde o mar
se amarra
 o mato cresce no pedestal
e o abraço da baía
completa o cenário
– o lugar-comum –
o que já estava escrito
pelos cronistas lapidares
e por mim
quase com as mesmas palavras.

Do livro 3X4, 1985

Todo céu é anônimo
embora os cartões-postais
tentem localizá-lo.
Este aqui está sobre as ondas
desenhadas, pedra por pedra
na calçada litorânea.
Um diagrama, em preto e branco
do movimento do mar defronte
como se fosse um pedaço de filme antigo:
um dia de mil novecentos e cinquenta
em Copacabana, Oceano Atlântico.

Do livro 3x4, 1985

DEPOIS DE A. C.

Sua morte
é o recreio desta.
Ao virar uma piscina
pelo avesso, até o fim
como uma luva
para sentir, ouvir e tocar
o último concerto
de um azulejo solo
com os olhos secos
e as mãos nuas
sem água sequer para lavar
o chão de sangue pisado
o mármore do deserto
muito longe da natureza
como também este gosto
de versos-ferro
forte, na boca
e lembranças de música
alheia e casual
feita com latas e precipitação.
O que ficou
foi pedra sobre pedra
significando nada
pois o mar e as lágrimas
estão a mil milhas daqui
e o palácio do telefone
de luto fechado.
De lá, de onde você me ligava
deste lugar ladrilhado
por um só ladrilho
sobraram
suas mãos cruzadas com muito luxo
beijos na boca do infinito
e a solitária luz de um anel.

A C.

Amor
com as luzes da casa inteira
acesas e arregaladas.
Até a lá de fora.
Para então entrar
vendo de perto, sem óculos
com as mãos e os óleos nus.

Amor
com as muitas portas abertas
completamente.
Com cada coisa funcionando
a pleno
na casa inteira ligada
nessas tomadas todas.

Amor
estou sentindo tudo em torno:
você me ocupando todos os sentidos
até o topo
– que te apuram de per si –
e depois te reúnem
unânime.

Amor
só a pele, não.
Sua alma
ou o seu assunto de suma importância
e os contrastes fortes:
nome sobre o nome.

Do livro *De cor*, 1988

RAVEL

Todo telefone é terrível – negro
guerrilheiro à escuta na sala
disfarçado ao lado do sofá
à espera, no gancho
sempre na véspera
com o grampo da granada
já nos dentes.

A única saída é ocupá-lo
para que não estoure
(não posso te agarrar daqui
nem pelos fios dos cabelos
pare antes que toque
e o infinito acabe).

Todo terrível é telefone – negro
à escuta
guerrilheiro à espera
ao lado do sofá
disfarçado na sala
na véspera da granada
com o grampo nos dentes fora do gancho
ocupando a única saída
para que não estoure
(não posso nem pelos cabelos
antes que acabe e toque
o infinito, te agarrar, nos fios, pare
daí).

Do livro *De cor*, 1988

AR

Música de árvores.

Não a das folhas e ramos.

Mas a outra, para percussão solo.

Madeira, raízes, cascas, nós, galhos.

Tudo que pede machado, corte, pancada.

O que é duro – áspero – bate, e estaca.

O que estala e cresce da terra contra as estrelas.

Do livro *Cabeça de homem*, 1991

A felicidade pode ser de carne
de pele apenas – corpo sem cara
nem cabeça, mas com a boca máxima
e muitos braços, peito, coxa
perna musculosa, clavícula
omoplata, ventre liso esticado
peludo no lugar certo do sexo
e mais o cheiro preciso, exasperado
da axila, virilha, pé
tudo chegando junto, de uma vez
ou aos poucos, esartejado.

Do livro *Números anônimos*, 1994

Por barbear
com a cara de encontro ao dia
que espeta e arranca
árvores vivas, folhas de guarda
de dentro da noite em claro.
Falso rosto
impossível prever
a variação seguinte
se de sol, se de stress
no espelho sem controle.

Cortaram o que vivia
rente ao risco do chão.
A frio, no açougue
com o machado da chacina.
Mato, no pé da estátua
que se enferruja no céu
e nos canteiros desordenados
razzia a navalha
contra o que ainda respirava
pela raiz.

Falo pela alma
pelo que foge para fora
do concentrado foco do corpo:
rude – com raiva e relva
contra a pele, à contraluz
metade cavalo
pedaço de pedra sem asa
terra-a-terra, e irredutível
falo
com coração e técnica.

Do livro *Números anônimos*, 1994

GRÃO

Toco, instante, início
talvez de uma árvore
que não foi em frente.
Alguma coisa deste lado
insiste, mesmo sem ramais
em sentir o que se passa
no outro
onde cresceu e floriu o rio.
Mas não consegue ouvir tudo
nem ver claro
o que raspa e invade o campo de força
se é não ou sim, se são leões
arremessando contra a presa
ou atividade de índole diversa
sem precisão de imagens
e de trilha sonora – algo alusivo
iludido, oblíquo, contra a parede:
algo de alma, ímã e ruína.

Do livro *Duplo cego*, 1997

PAI

Me arranco do seu espelho
gago até a medula

e paro
sob o peso de uma dose
subclávio, para cavalo
com nossa vida inteira
exposta a tudo.
A campainha agulha
bate, nas paredes vazias
sem ramal
sem rumo algum.

“Eu vou doer/eu estou doendo”
e o pensamento ferido
prefere acelerar
para não parar na dor
e toma velocidade
a anestesia
da mesma paisagem
do dia aberto e igual
sem horas.
Louco tempo depois
logo após as lágrimas
começa o deserto.

Do livro *Cabeça de homem*, 1991

MÃE, MEMÓRIA

O relógio não marca mais o encontro
e a sua hora, mas o que falta
para a minha, em números pretos
sobre fundo branco, com o ponteiro
dos segundos, pulsando em vermelho.

Quase quatro anos no quarto que era
um quadro onde o tempo das flores
não passava, sempre-vivas, atletas da cor
de pétalas detidas, plásticas, pregadas
em terra falsa feita de pano e cola.

A cura deste dia só se alcança
com o outro dia que também se cura
no seguinte, etc., até que tudo pare
no anel de perfume que ainda cerca
sua pulseira e resiste à dispersão
tanto quanto a lembrança tátil
das mãos mais finas do mundo.

Do livro *Fio terra*, 2000

CAÇAR EM VÃO

Às vezes escreve-se a cavalo.
Arremetendo, com toda a carga.
Saltando obstáculos ou não.
Atropelando tudo, passando
por cima sem puxar o freio –
a galope – no susto, disparado
sobre as pedras, fora da margem
feito só de patas, sem cabeça
nem tempo de ler no pensamento
o que corre ou o que empaca:
sem ter a calma e o cálculo
de quem colhe e cata feijão.

Do livro *Fio terra*, 2000

FAMÍLIA

O telefone é de pele de tão sensível.
A qualquer momento, alteração
cérebro exposto, seu pensamento
sobre o meu, sexo oculto na escada
na mão, na boca. A qualquer momento
amor, somente. Agarra o sangue
que te pertence, o que a memória
sente e salva das cinzas. Modere a mão.
Viva escrevendo entre suplício e delícia
que tocam na mesma faixa, e a agulha
não sai do sulco, insistente, repetitiva:
filho feroz, matando o pai no segredo
do corpo – sensação de esplanada.

Do livro *Lar*, 2009

10 ANOS

para Carlos

Flor masculina do meu bosque
seu cheiro começa a ser íngreme
árduo – de cabelo e músculo –
de dias ardidos de escalada.

Subsiste o primeiro suor da noite
inodoro porque em repouso
a pele lisa que a barba e a acne
ainda não contrariam, o ar de entrega

que se mantém embalsamado
pelo sono ou por algum sonho
de maldade, com mulher de celofane.
Mas a infância já se feriu, inevitável
ao entrar na casa de dois dígitos para sempre.

A dor de alterar-se, de altear-se
estala, e a inocência também é de sangue.
Uma e outra se quebram e reanimam-se:
têm o mesmo comportamento, prazo
bravio e breve, das ondas no mar.

Do livro *Numeral/Nominal*, 2003

DRUMMOND ANDANDO

Do ar livre do verso ao metro
sua mão aponta no braço
que se colou ao corpo
mesmo em marcha cortada
por acidentes nas ruas assimétricas
de chão, de pedra, do interior, do centro
alcançando longe, repercutindo: *drum'n'bass*
seu nome já se entrevê e se ouve
no diálogo de sol e sombra
entre pilotis – e bate.

Tudo no coração
e na umidade dos sentidos.
Desde o corpo cotidiano, preso
no mecanismo do ponto e da cidade
ao outro, metafórico, poroso:
olho no olho, olho por olho
no leito, no lanho do amor
diante do mundo, do repentino
cristal partido da máquina geral da vida
se interrogando, interminável.

Do livro *Numeral/Nominal*, 2003

IMPÉRIO

Torres. Terror. Cada uma parece um 1. As duas juntas marcam o dia do espetáculo e a soma dos alvos prateados em fundo azul matinal 1 minuto antes. 1 minuto depois o que foi 1 número íntegro se parte em N em 1001 decimais do que era uno, de sol, vidro, aço, pedra e esplendor no dia 10 e agora é 0. E a primeira surpresa logo se repete, 1 por 1, 1 igual a 1 ao outro, seu duplo, sua sombra. No ano 1 do novo milênio nem foi preciso ouvir a exclamação dos ratos: “Que século!” ou sua ação roedora no pé dos prédios: Ícones! Píncaros! Edifícios! Fim!

Do livro *Numeral/Nominal*, 2003

OUTRA RECEITA

Da linguagem, o que flutua
ao contrário do feijão à João
é o que se quer aqui, escrevível:
o conserto das palavras, não só
o resultado final da oficina
mas o ruído discreto e breve
o rumor de rosca, a relojoaria
do dia e do sentido se fazendo
sem hora para acabar, interminável
sem acalmar a mesa, sem o clic
final, onde se admite tudo –
o eco, o feno, a palha, o leve –
até para efeito de contraste
para fazer do peso – pesadelo.
E em vez de pedra quebra-dente
para manter a atenção de quem lê
como isca, como risco, a ameaça
do que está no ar, iminente.

Do livro *Raro mar*, 2006

SOBRE O AUTOR

Armando Freitas Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1940. Publicou, entre outros, os livros de poesia *Palavra* (1963), *Dual* (1966), *Marca registrada* (1970), *À mão livre* (1979), *De cor* (1988), *Números anônimos* (1994), *Duplo cego* (1997), *Fio terra* (2000). Em 2003, publicou *Máquina de escrever - poesia reunida e revista* (1963-2003), em seguida, *Raro mar* (2006) e *Lar* (2009). Recebeu, em 1986, com o livro *3x4*, o prêmio Jabuti e, em 2000, com o livro *Fio terra*, o prêmio Alphonsus de Guimaraens, concedido pela Biblioteca Nacional. É o organizador da obra de Ana Cristina César. Foi pesquisador na Fundação Casa de Rui Barbosa, secretário da Câmara de Artes no Conselho Federal de Cultura, assessor do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, pesquisador na Fundação Biblioteca Nacional e assessor no gabinete da presidência da Funarte, onde se aposentou. É um dos principais poetas brasileiros contemporâneos.

Prefeitura de São Paulo Gilberto Kassab
Secretaria de Cultura Carlos Augusto Calil

Centro Cultural São Paulo | Direção Ricardo Resende **Divisão Administrativa**
Gilberto Labor e equipe **Divisão de Curadoria e Programação** Alexandra
Itacarambi e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Isis
Baldini e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe
Divisão de Produção e Apoio a Eventos Luciana Mantovani e equipe **Divisão**
de Informação e Comunicação Durval Lara e equipe **Divisão de Ação Cultural**
e Educativa Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos**
Yone Sassa e equipe

25 Poemas escolhidos pelo autor | Coleção Poesia Viva Autor Armando
Freitas Filho **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura
do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da
Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa
Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

COLEÇÃO POESIA VIVA

distribuição: gratuita, no CCSP e nas bibliotecas municipais

tiragem: 500 exemplares

São Paulo, 2011

isbn: 978-85-86196-35-5

